

As relações nas famílias de micro-empresários de Franca-SP

Sessão Temática: D – Desenvolvimento humano e social

Autores: **Maria Zita Figueiredo Gera**
Gabriel Pogetti Junqueira

Resumo: Neste artigo, a proposta é apresentar algumas reflexões feitas a partir de uma pesquisa que realizamos sobre as relações familiares de micro-empresários da cidade de Franca – SP, num esforço de abertura de fronteiras teóricas de pensamento, na busca de aproximação à compreensão da família como um sistema social complexo, conforme o pensamento sistêmico.

Palavras-chave: relações familiares; família; pensamento sistêmico.

Introdução

A seguir, apresentamos uma síntese da pesquisa com os micro-empresários, incluindo no referencial teórico um estudo sobre a família como sistema para dar respaldo às considerações presentes na análise dos dados.

Assumimos pensar a família como uma instituição social que ao longo do tempo, vem sofrendo transformações, não somente na parte estrutural como também na forma como seus membros se relacionam, refletindo mudanças econômicas, culturais, políticas e sociais dos diferentes momentos históricos. A partir da Revolução Industrial, essas mudanças se tornaram mais acentuadas, devido ao avanço tecnológico, o crescimento da industrialização, o crescimento do capitalismo. Também com o advento da industrialização, o trabalho passou por transformações substanciais que modificaram não apenas as formas de trabalho, mas atingiram, sobretudo, a vida do trabalhador influenciando sua forma de ser e estar no mundo. Nos dias atuais, junto com o ritmo frenético em que vivemos, isso acaba refletindo de modo significativo nas relações

familiares, o que, em muitos casos, pode prejudicar e até mesmo comprometer o desenvolvimento dos filhos

A família está sofrendo transformações não somente na parte estrutural, mas também na forma como seus membros se relacionam. Essas mudanças se devem, em grande parte ao avanço tecnológico, ao crescimento da industrialização e ao crescimento do capitalismo.

Partindo do raciocínio de que a família, em nossa cultura, é um grupo social muito importante na vida e na formação do indivíduo, ficou evidente a importância de estudarmos melhor as relações no âmbito familiar e também as relações família/trabalho, ou por outras palavras, compreendermos como o trabalho interfere nas relações familiares do trabalhador e na vida dos seus filhos. É preciso avaliar em que medida o trabalho afeta as relações de um dos grupos sociais mais significativos para o desenvolvimento do ser humano da sociedade e da própria humanidade. Acreditamos que o trabalho deve se constituir em uma plataforma que impulse o desenvolvimento pessoal do trabalhador e não apenas constituir-se em forma de subsistência.

Só assim os psicólogos e todos os que de alguma forma estão envolvidos com essa problemática, poderão atuar de uma forma mais efetiva diante dessa problemática da realidade atual, particularmente a nossa.

1 A importância da família

A família desempenha um papel muito importante na formação e no crescimento dos indivíduos. Knobel (1992) diz que *“a família é um dos grupos primários e naturais de nossa sociedade, nos quais o ser humano vive e consegue se desenvolver”*. Nela absorvemos a cultura, regras de conduta e leis para que possamos conviver em sociedade, além de servir como porto seguro, onde conversamos com os familiares sobre coisas que nos afligem e encontramos energia para podermos enfrentar os desafios que encontramos em nosso dia-a-dia, como vemos a seguir no trecho de Carvalho; Almeida (2003):

A família é apontada como elemento-chave não apenas para a "sobrevivência" dos indivíduos, mas também para a proteção e a

socialização de seus componentes, transmissão do capital cultural, do capital econômico e da propriedade do grupo, bem como das relações de gênero e de solidariedade entre gerações (CARVALHO; ALMEIDA, 2003, p. 1).

Duvall e Miller (apud, STANHOPE, 1999, p. 492-514) identificaram como funções familiares, as seguintes: *“geradora de afecto”* entre os membros da família; *“proporcionadora de segurança e aceitação pessoal”*, promovendo um desenvolvimento pessoal natural; *“proporcionadora de satisfação e sentimento de utilidade”*, através das atividades que satisfazem os membros da família; *“asseguradora da continuidade das relações”*, proporcionando relações duradouras entre os familiares; *“proporcionadora de estabilidade e socialização”*, assegurando a continuidade da cultura da sociedade correspondente; *“impositora da autoridade e do sentimento do que é correcto”*, relacionado com a aprendizagem das regras e normas, direitos e obrigações características das sociedades humanas.

Em mais um momento do texto de Carvalho; Almeida (2003) é possível ver o papel da família na vida do indivíduo.

Representando a forma tradicional de viver e uma instância mediadora entre indivíduo e sociedade, a família operaria como espaço de produção e transmissão de pautas e práticas culturais e como organização responsável pela existência cotidiana de seus integrantes, produzindo, reunindo e distribuindo recursos para a satisfação de suas necessidades básicas (CARVALHO; ALMEIDA, 2003, p. 1).

Para além destas funções, Stanhope (1999) acrescenta ainda uma função relativa à saúde, na medida, em que a família protege a saúde dos seus membros, dando apoio e resposta às necessidades básicas em situações de doença.

Fernandes (1995), no livro *O trabalho no Brasil no limiar do século XXI*, destaca que o papel da família vai muito além da simples coleta de recursos para a subsistência, abrangendo outros setores da vida do indivíduo. De acordo com Fernandes (1995, p. 141) a função da família *“vai muito além da simples coleta de recursos dos diversos membros e sua redistribuição eqüitativa”*.

Cada membro da família exerce um papel e tem suas funções dentro dessa estrutura social. Aqui, vale ressaltar o importante papel que os pais exercem na formação de seus filhos.

Içami Tiba (2002), em seu livro *Quem ama, educa!* também mostra a importante influência que os pais exercem na formação e desenvolvimento dos filhos.

A felicidade não se dá nem se vende. Cada humano precisa antes amadurecer para alcançar a felicidade. Os pais podem fornecer aos filhos a base para formar a felicidade, seja materialmente, oferecendo-lhes condições básicas de sobrevivência, seja psicologicamente, através de educação (TIBA, 2002, p. 72).

2 A família como sistema

A família é considerada um sistema vivo, diferente dos sistemas inanimados que são fechados e não dependem do exterior para manter seu funcionamento. Todo sistema é identificado como constituído de partes que se relacionam entre si e é através de suas relações que o sistema se mantém integrado.

O universo é repleto de sistemas que dependem uns dos outros. Capra (2002) afirma que o mundo pode ser descrito como um todo dinâmico, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas, através de conexões invisíveis e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico.

A concepção de família como sistema surgiu por volta dos anos 50 do século XX (Vasconcelos, 2006). A família é compreendida como sistema vivo que envolve outros sistemas vivos, sendo que cada um é delimitado em seu contorno, tendo existência em separado e fronteiras que mantêm a discriminação entre os sub sistemas, os sistemas e os supra sistemas. Nesta perspectiva, considera-se que o equilíbrio da família encontra-se nas suas condições de manter um certo nível de abertura e de fechamento de suas fronteiras em relação aos demais sistemas, conforme suas necessidades.

A abordagem sistêmica vê a família como um sistema complexo em processo de interação constante, transformando-se na relação com outros sistemas. As transformações sociais afetam a família, que muda em suas

funções para atender às demandas sociais. Minuchin (1982) caracteriza a família como um sistema aberto em transformação que constantemente recebe e envia *inputs* e se adapta aos diferentes estágios de desenvolvimento que enfrenta.

2.1 Estrutura

Para Minuchin (1982) a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros interagem. A estrutura se constitui das regras e padrões implícitos do sistema e que tem a função de limitar o grau de liberdade dos sistemas ou de seus componentes. Para o autor, a manutenção dos padrões de relação garante o equilíbrio do sistema e a sua continuidade, ou seja, a estabilidade (retroalimentação negativa). Porém os padrões de relações podem sofrer mudanças, eles são flexíveis, adaptando-se assim às circunstâncias, assim se dá a instabilidade do sistema (retroalimentação positiva).

Tendo em vista a retroalimentação positiva dos sistemas familiares, fica claro que é preciso ocorrer algumas mudanças na estrutura da família para que a sua estrutura se adapte às circunstâncias que o meio lhe impõe.

A família vem se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e sócio-culturais do contexto em que se encontra inserida. Esta se constitui num espaço sócio-cultural que continuamente se renova e reconstrói. Knobel (1992) explica como o meio influencia os modelos de relacionamento das pessoas.

Na interação familiar, que é prévia e social (porém determinada pelo meio ambiente), configura-se bem precocemente a personalidade, determinando-se aí as características sociais, éticas, morais e cívicas dos integrantes da comunidade adulta. Por isso, muitos fenômenos sociais podem ser compreendidos analisando as características da família. Muitas das reações individuais que determinam modelos de relacionamento também podem ser esclarecidas e explicadas, de acordo com a configuração familiar do sujeito e da sociedade da qual faz parte (KNOBEL, 1992, p.19).

O livro de Engles (2000), *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, mostra como se desenvolveu a família de uma forma bem abrangente.

Um sistema que prevalece em toda a América, que existe na Ásia em povos de raça completamente diferentes, e do qual se encontram formas mais ou menos modificadas por toda parte da África e na Austrália, precisa ser explicado historicamente- e não com frases ocas, como quis fazer, por exemplo, Mac Lennan. As designações “pai”, “filho”, “irmão”, “irmã, não são simples títulos honoríficos, mas, ao contrario, implicam em sérios deveres recíprocos, perfeitamente definidos, e cujo conjunto forma uma parte essencial do regime social desses povos (ENGELS, 2000, p. 29).

Uma mudança que devemos ressaltar é a entrada das mulheres no mercado de trabalho. De acordo com Hahner (1990), na segunda metade do século XIX, abriram-se novas oportunidades de emprego na indústria nascente e na burocracia, e as mulheres passaram a ocupar uma parte desse mercado. Esta situação tem causado grande impacto na vida familiar.

Como conseqüência dessa mudança de atividades das mulheres ocorre uma transformação na estrutura das famílias, tendo em vista que as mulheres passaram a dedicar mais tempo às suas carreiras e menos tempo cuidando de suas casas.

Knobel (1992) sintetiza as diferentes configurações da família quando diz:

Na historia da família observa-se que da família do tipo “tribal” (onde praticamente todos os parentes configuravam a família e que ainda se observa em alguns grupos culturais) passou-se à família “extensa”, com os consangüíneos mais diretos. Depois passamos ao que se pode chamar de famílias “nucleares”, formadas só pelos pais, filhos e algum avô ou um outro familiar, até chegar atualmente à família “reduzida”, com o precoce desvincular dos filhos e a estruturação complementar do casal (KNOBEL, 1992, p.21).

O que não devemos deixar de ter em mente é que independente de sua estrutura ou do número de pessoas que a constitui, a família continua sendo uma esfera importante na vida de qualquer pessoa, seja ela adulta ou criança.

Uma pessoa sem a família seria como se um barco velejasse pelo mar, sem um instrumento de orientação e sem um porto seguro para poder atracar.

1.3 Sistema familiar e trabalho

De acordo com Andrade (2004) *“O homem é um ser caracterizado como aquele que constrói sua vida em torno do trabalho”*.

Antunes (2000) destaca a importância do trabalho na vida do indivíduo evidenciando que ele pode ser fundamental na realização social da pessoa. Mostra por outro lado que no sistema capitalista o sentido do trabalho foi pervertido, tendo como único objetivo a subsistência.

Se na formulação marxiana o trabalho é o ponto de partida do processo de humanização do ser social, também é verdade que, tal como se objetiva na sociedade capitalista, o trabalho é degradado e aviltado. Torna-se estranhado. O que deveria se constituir na finalidade básica do ser social – a sua realização no e pelo trabalho – é pervertido e depauperado. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência (ANTUNES, 2000, p. 125-126).

O trabalho deveria garantir muito mais que a sobrevivência de alguém e de sua família, ele, de certa forma, deveria trazer um desenvolvimento muito grande para cada um, dando oportunidades das pessoas conhecerem novos horizontes que mais tarde pudessem explorar.

A primeira forma de produção organizada, segundo Martins; Laugeni (1998), foi constituída pelos artesões, já que eles estabeleciam prazos de entrega, conseqüentemente estabelecendo prioridades, atendiam especificações pré-estabelecidas e fixavam preços em suas encomendas. Com o crescimento do número de pedidos e a entrada da máquina a vapor, inventada por James Watt, o trabalho artesanal deu lugar à indústria têxtil, daí veio a Revolução Industrial. De acordo com Gaither; Frazier (2001) a Revolução Industrial começou na Inglaterra e depois foi se espalhando pelo mundo até chegar aos EUA.

Mais recentemente a inserção dos computadores em nossas vidas, e também a automatização das indústrias alteraram substancialmente nosso ritmo de vida. Não podemos deixar de falar nas duas grandes guerras

mundiais, que trouxeram o aperfeiçoamento dos aviões com motores de combustão interna, depois os de propulsão a jato e as novas tecnologias nucleares e eletrônicas. A cada momento novas tecnologias são criadas e desenvolvidas. No presente momento da história, o homem vive uma nova Revolução, a “Era do Conhecimento”.

Após a revolução industrial, ficou claro o grande avanço nas tecnologias, surgiu a internet, e as mudanças que o mundo passou a sofrer tiveram um ritmo jamais imaginado.

2.2 Metodologia

A fim de conhecer a realidade das famílias, realizamos uma pesquisa exploratória, de que acordo com Gil (1991) em seu livro *Projetos de pesquisa*, tem como objetivo principal proporcionar uma maior familiaridade com o problema, tentando torná-lo mais explícito. O autor acrescenta que esse tipo de pesquisa tem uma maior flexibilidade no seu planejamento e que na maioria dos casos envolve levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que já têm experiência com o problema estudado.

Participaram da pesquisa 6 micro-empresários da cidade de Franca, proprietário de micro-empresa atuante na área de calçados, suas esposas e os 5 filhos dos casais. O levantamento dessas empresas foi efetivado com o apoio do Sindicato das indústrias de Calçados de Franca que nos orientou a utilizar os dados disponíveis em seu site. A escolha dos participantes foi aleatória, atendendo apenas a disponibilidade e boa vontade deles.

A coleta de dados foi feita através de entrevistas pessoais que foram realizadas com cada um dos 6 micro-empresários e com os membros de suas famílias. Esta técnica foi escolhida por ter sido considerada apropriada, tendo em vista suas possibilidades, conforme aponta Kerlinger.

Uma entrevista consome tempo e é cara. Algumas vezes é o único meio de se obter a informação necessária para uma pesquisa. E tem certas vantagens que outros métodos não têm. O entrevistador pode, por exemplo, depois de fazer uma pergunta geral, sondar as razões das respostas dadas. Uma das grandes

vantagens da entrevista é, então, sua profundidade. Os pesquisadores podem ir mais abaixo da superfície das respostas, determinando razões, motivos e atitudes (KERLINGER, 1979, p. 350).

Os dados foram analisados conforme técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 1988), cujo primeiro passo é escolher as categorias de análise que vão refletir os objetivos da pesquisa. Em seguida procuramos as categorias nas falas dos entrevistados, levando em consideração as bases teóricas. Neste sentido levantamos 4 categorias: Visão do trabalho para a pessoa; importância da família nos dias atuais; o dia-a-dia dos indivíduos, um ritmo de vida intenso; trabalho e família.

3 Análise dos dados

Com o intuito de proteger a privacidade de cada participante trocamos seus nomes por letras e números. A letra indica qual seu papel dentro da família. Assim, P indica o pai, M indica a mãe e F indica o filho. O número indica a qual família aquele indivíduo pertence. Dessa forma ao se ler P1, entende-se que estamos falando do pai da família número um.

Destacamos ainda, neste momento, que cada participante assinou o Termo de Compromisso livre e Esclarecido antes de ser entrevistado.

Lançamos um olhar para cada uma das famílias entrevistadas, procurando caracterizá-las, para em seguida buscar em suas falas o significado dos aspectos que nos propusemos a conhecer. Na exposição transcrevemos aspectos significativos de suas histórias incluindo nossas observações e percepções durante as entrevistas, sempre tendo em vista os objetivos da pesquisa.

A família 1 era constituída pelo pai (38 anos), pela mãe (37 anos) e um único filho de 14 anos. O pai trabalhava com sua indústria de calçado, fabricando principalmente calçado masculino. A mãe não terminou o ensino superior, e na época da entrevista não trabalhava, apenas cuidava das atividades de casa e de seu filho. O filho do casal estava no primeiro colegial, e estudava em uma escola particular no período da manhã.

Através das entrevistas pudemos perceber que o pai é uma pessoa muito ocupada, e o trabalho consumia grande parte do seu tempo. Na entrevista ele disse: “[...] *Muitas vezes o trabalho nos consome demais [...]*”. A mãe deu indícios de ser uma pessoa que gasta muito tempo cuidando de si, e o filho acaba sendo deixado em segundo plano, um sinal dessa situação é o fato do garoto querer passar muito tempo na casa da avó materna. O filho do casal se mostrou um jovem muito retraído que não se sentiu muito a vontade na primeira entrevista quase não falando, razão pela qual realizamos uma nova entrevista com ele em outro dia.

Ficou evidente a falta de diálogo entre pai e filho e nessa família em particular, o filho não gostava de conversar com o pai, temendo incomodá-lo, já que o pai chegava do serviço extremamente cansado, essa situação se evidencia na seguinte fala: “*Sabe...ele chega cansado do trabalho, e tenta descansar quando está em casa, não acho legal eu chegar e ficar “enchendo o saco” dele com meus assuntos....*”

Procurando olhar as famílias 1, 5 e 6, na perspectiva sistêmica acreditamos poder situar o distanciamento entre seus membros justamente na visão de que o trabalho é o pilar de sustentação da família, e ele se sobrepõe ao sistema familiar. O filho da família numero 1 entende o cansaço do pai e a necessidade de descanso como uma barreira ao relacionamento entre eles. Esse filho de 14 anos talvez busque a avó para suprir o vazio condicionado pela ausência do pai e da mãe. Neste caso a família 1 esta vivendo uma dificuldade em suas relações. Esta situação nos leva a questionar: como um gestor que vive do trabalho e para o trabalho pensa a questão de seus relacionamentos com a família e particularmente com seu filho... tímido e que prefere estar com a avó?

Pensando sistemicamente e ampliando o foco, vemos como o padrão de interação no sistema familiar se relaciona com as relações que ela (sistema) mantêm com a família de origem a qual o filho faz parte. Tal situação se faz presente na família 1 evidenciando as relações entre neto e a figura da avó materna, um sistema vivo que envolve outros sistemas vivos.

A Família 2 era constituída pelo pai, pela mãe e por dois filhos: um jovem que tinha 23 anos e uma jovem que na época estava com 27. O pai estava com 60 anos e sempre trabalhou na área de calçado, a mãe estava com 56 e era uma professora de gramática aposentada, a filha morava fora e o jovem já estava cursando faculdade.

Durante as entrevistas pode-se perceber que esta família estava em uma fase na qual os filhos estavam começando a ficar independentes, e os pais estavam vendo seus filhos se formarem. O pai durante a entrevista foi sempre sereno, e no final demonstrou muita emoção ao pensar como era sua vida quando seus filhos eram apenas crianças. Em uma de suas falas ele disse: *“Quando eles [filhos] eram mais novos eu trabalhava muito, minha esposa também....Eles faziam atividades o dia inteirinho pra preencher a tarde após a escola [risos], e agora que estou mais velho... com a empresa já estruturada, eles estão crescidos e quase que independentes, quase não param em casa para conversarmos [pausa]. Irônico isso né?!Quando eles eram novos era difícil arrumar tempo, agora que tenho tempo eles é que não têm tempo....”*

Durante a entrevista com o filho foi possível perceber que este tinha consciência de que o trabalho do pai foi importante para sua formação, porém reconhece que sentia falta da presença paterna e materna na sua infância.

Aun, Vasconcelos, Coelho (2007, p. 109) recomendam que “devemos tomar como regra a de sempre descrever com o verbo *estar* o que vemos acontecer”, o que nos leva a pensar em processo em curso. Quando usamos o verbo *estar* e não o *ser*, temos presente a idéia de que a situação não esta pronta e acabada. Temos uma visão de mudança, porque elas são instáveis, estão em movimento. A família 2 exemplifica as mudanças que naturalmente ocorreram em decorrência do transcorrer do tempo. As relações se transformaram com o tempo.

A Família 3 era constituída pelo pai, pela mãe e por uma filha de 5 anos. O pai e a mãe tinham idades próximas, 26 e 25 anos respectivamente, foram pais muito jovens e se casaram logo depois que a filha nasceu. O pai criou sua

empresa muito jovem também, com 22 anos ele já tinha seu próprio negócio. Esse quadro pode ter vindo da gravidez muito cedo que esse casal enfrentou, outro indicio de que a gravidez trouxe mudanças na vida da família é o fato da mãe ter trancado sua faculdade para poder se dedicar a criança.

Ambos os pais demonstraram como foi difícil para eles a grande mudança que encontraram. A mãe, quando lhe é questionado como foi para ela ter tido uma filha ainda nova, disse: *“É complicado... Muda tudo, não pude nem terminar minha faculdade, é preciso abrir mão de muitas coisas para poder dedicar à minha filha.”*

Conseguimos perceber como está sendo a dinâmica familiar entre a mãe e o pai. Muitas vezes o esforço que a mãe tinha ao cuidar da filha e da casa não era reconhecido pelos familiares, inclusive por seu marido.

A filha de 5 anos pareceu bem a vontade na entrevista, porem falou bem pouco. Por isso pedimos a ela que desenhasse sua família. Usamos tal desenho como dado essencial e necessário ao aprofundamento da entrevista e dessa forma procuramos ver qual a imagem de sua família que a criança tinha.

A família 3 revelou dificuldades desde o início do relacionamento sendo que outras dificuldades estavam presentes, manifestas pela esposa, primeiramente o “abrir mão de muitas coisas” para se dedicar a filha e a falta de reconhecimento do marido a seus esforços. A criança por sua vez, ao desenhar a família incluiu nela a fábrica do pai. O pensamento sistêmico nos lembra que não é importante localizar como uma dificuldade começou, buscando colocar a causa no outro, no ambiente. Quando consideramos as relações, temos que encontrar e procurar compreender a dificuldade na relação com.

A Família 4 ainda não possuía filho. Ela se constituía do marido e da mulher apenas. Eram pessoas relativamente jovens, o marido tinha uma empresa que fabricava solas para sapato e prestava consultoria financeira para algumas empresas da região, e a mulher era assistente comercial. Durante as entrevistas ficou evidente que esse casal ainda não tomara a decisão de ter filhos pelo fato deles trabalharem muito, e terem medo de não dar a atenção

que querem dar à seus futuros filhos. Quando questionada sobre essa decisão a mulher relatou: *“Agora estamos trabalhando muito... Concentrados em outras coisas. Não teríamos tempo nem condições de sustentar uma pessoinha. Pensando assim, decidimos não ter filhos por enquanto, só quando já estivermos com um bom trabalho e tempo para dedicar de corpo e alma a algum filho que resolvermos ter.”*

Apesar de, na época, não terem filhos nomeamos os membros da Família 4, como as demais, julgamos pertinente registrar que manifestaram o desejo de serem pais quando tiverem melhores condições financeiras e tempo para dedicar aos filhos.

A família 4 coloca suas relações com o trabalho como prioridade. As empresas estão inseridas na sociedade, no ecossistema e são reguladas pelo sistema econômico que na realidade atual de alta competitividade requer gestores que se dediquem *quase* que exclusivamente.

A realidade da família 4 é um fator que pode ser levado em conta na visão sistêmica, segundo a qual não existe realidade independente do observador e que é através da comunicação que emergem as realidades. Como essa realidade são frutos de conversas entre pessoas.

Considerações finais

A família é constituída na relação com o mundo. Como é um sistema, interage com o sistema maior que é a sociedade. Esta em movimento.

Os vínculos afetivos surgem na família que é segundo Minuchin (1982) a matriz psicossocial de seus membros e que também deve se acomodar a uma sociedade e assegurar uma certa continuidade da cultura, e que trabalho e família devem formar uma dinâmica saudável na vida das pessoas.

De acordo com o que foi trazido pelos participantes da pesquisa, uma lacuna na relação dos micro-empresários com seus filhos. Os diálogos se tornam muito limitados, os afetos acabam se tornando superficiais e assim um abismo vai se formando entre eles. Essa dinâmica pode estar gerando

problemas para a família, além de desenvolver indivíduos tristes, que não desfrutam da maravilha que pode ser o convívio familiar.

A pesquisa nos leva a acreditar que é preciso atentar-se a essa situação que está presente no âmbito familiar de muitos lares. Acreditamos que é de grande valia que todos que trabalham, tem famílias, tem filhos, psicólogos e demais pessoas que estudam essa temática reflitam sobre isso e, ao finalizar, apontamos a importância de se ter um olhar mais aprofundado sobre a lacuna na relação entre pais e filhos tal como observado em nossa pesquisa.

Bibliografia

AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELOS, Maris José E.; COELHO, Sonia V. **Atendimento Sistêmico de famílias e redes sociais: fundamentos teóricos e epistemológicos**. 2ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte&Prosa, 2006.

ANDRADE, Roberto Coelho Villela de. **Gerenciando pessoas: qualidade de vida dos professores de uma instituição de ensino superior**. Dissertação de Mestrado. Franca: Uni-FACEF, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70 ed. São Paulo: Lisboa, 1988.

CAPRA, Fritsof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002

CARVALHO, Inaiá Maria de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. **Família e proteção social**. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 23 de Abril de 2007.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GAITHER, Norman; FRAZIER, Greg. **Administração da produção e operações**. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Projeto de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HAHNER, June E. **Emancipating the female sex, the struggle for women's rights in Brazil: 1850-1940.** Durham, NC: Duke University Press., 1990.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais.** 6 ed. São Paulo: E.P.U., 1979.

KNOBEL, Mauricio. **Orientação familiar.** Campinas: Papyrus, 1992.

MARTINS, Petronio. G.; LAUGENI, Fernando. P. **Administração da produção.** São Paulo: Saraiva, 1998.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.